

JOHN DAVID PELICERI DA SILVA

LAMENTAÇÕES DE JEREMIAS:
UMA POÉTICA LAMENTOSA E/OU MELANCÓLICA?

Relatório de Pós-doutorado realizado na
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho” (UNESP), Faculdade de
Ciências e Letras, Assis.

Supervisor: Prof. Dr. Márcio Roberto
Pereira

PROGRAMA DE PÓS-DOCTORADO DA UNESP

Assis

2026

RESUMO

Este relatório discute o pós-doutorado concluído na UNESP/Assis, no período de 20-3-2025 a 20-3-2026, sob a supervisão do Prof. Dr. Marcio Roberto Pereira, por meio do projeto intitulado *Lamentações de Jeremias: uma poética lamentosa e/ou melancólica?*, que elucidou a recorrência do cronotopo em trucagem na produção de identidades, à luz da estética literária sob a confluência do belo prazeroso e o grotesco errante, cindida pelas epifanias interventoras de Javé. A partir daí, o eu poético, em desabafo, alimenta o lamento, que, em certa intensidade ideológica, parece cair no abismo contínuo da melancolia, porém a aparição divina impede a queda definitiva e fornece indícios esperançosos sobre a restauração da pátria e um futuro promissor.

Palavras chaves: Eu poético. Cronotopo. Trucagem. Lamento. Imagem.

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa investigou a poética do Livro de Lamentações, escrito pelo Profeta Jeremias (587 a.C.), cujo contexto histórico e social foi o “Cativeiro Babilônico” (609 a.C.). Foram analisadas as trucagens cronotópicas, que manifestaram a linguagem simbólica, em pleno desempenho do eu lírico com a materialidade poética. As trucagens ganharam notoriedade, pois unificaram imagens separadas, cronotopicamente, no plano denotativo, que receberam teor simbólico.

Neste pós-doutorado, houve ênfase na interpretação das trucagens poéticas do eu lírico de *Lamentações de Jeremias* (587 a.C.), que caracterizou a relação do pranto do profeta, ao predizer a invasão babilônica e suas consequências. A análise poética de Lamentações tem sido pouco explorada pelos Estudos Literários e não tem discutido o método decadente em relação às trucagens de cronotopo. A estética da decadência lamentosa elucidou o processo de errância perscrutado pelo eu poético, ao utilizar as superestruturas discursivas da memória, história e magia.

Este pós-doutorado, então, utilizou essa vertente da trucagem difusora de uma lírica lamentosa. A problemática trouxe à baila a possibilidade de a poética contemplar o lamento e/ou a melancolia. Em razão de o Livro de Lamentações possuir 5 capítulos, as análises da atuação do eu lírico ocorreram por meio da apresentação da imagem de Javé (Divino), enquanto epifania transcendental. A seguir, os capítulos serão delineados.

No capítulo 1, o eu poético do lamento configura Jerusalém, à luz de epítetos grotescos e femininos “viúva” e “princesa”, que utilizaram a trucagem memorialística para ressaltar o estado de errância da população – “A primeira entre as nações está viúva” (Bíblia, 2014, Lm 1:1). Assim, as imagens trucam os movimentos de entrada (babilônicos) e saída (hebreus), de sorte que as cenas do pretérito são lembradas compondo referências do belo, como a figura feminina enfeitada e lidando com as perdas inexoráveis. Levou-se em consideração a cisão poética, quando o eu lírico interrompe o fluxo discursivo, a fim de mencionar a presença de Javé, que projeta um plano penal contra as práticas errantes dos hebreus.

Os atos errôneos foram retratados por imagens altissonantes, uma vez que a dor latente do eu poético funde o belo pretérito, o grotesco presente e o sublime presente-futuro, quando a epifania é proferida no primeiro lamento. Essa fusão estética criou simulações corporais em meio ao tormento, de sorte que as dimensões internas (ossos) e externas (pés) cristalizaram um castigo horrendo, além de legitimar o autorreconhecimento do estado de errância, pois o eu lírico se apropriou de imagens corpóreas, a fim de exaltar a equidade divina. Dué (2006) comenta que o lamento propicia o contraste de tempo e espaço, questionamentos retóricos, cenas trágicas e sentimento de luto.

O trabalho esdrúxulo do grotesco foi descrito pelos movimentos lacrimais, evidenciando uma pauta circunscrita na realidade exterior, por isso o uso da linguagem ter sido incongruente e o fluxo do discurso poético ser aglomerado de imagens separadas, no plano denotativo. De início, parece que o fenômeno poético foi isolado da temática exílica, porquanto os mecanismos imagéticos abriram vertentes para novas interpretações. O lamento, enquanto latente emoção, deu primazia às circunstâncias prazerosas do pretérito, ao passo que conotou a estética do exagero, quanto à descrição dos incidentes do presente em relação ao futuro incerto.

A cidade de Jerusalém foi alvo de um lamento, que, também, se dividiu pelo ato lascivo – “De todos os seus amantes, não há nenhum que a console” (Bíblia, 2014, Lm 1:2). A inferência pornográfica em “seus amantes” ofertou a instabilidade dos desejos e subverteu a figura jovial de uma cidade próspera. A amostra identitária de Judá registrou a pluriformidade religiosa, de sorte que a infidelidade a Javé expôs faces dissonantes e suscitaram no eu lírico a autocensura. A autocensura justificou a sensação decadente, haja vista o desenvolvimento do politeísmo, como se as práticas pagãs criassem um imaginário, no qual o eu poético objetivou compreender a descentralização da fé singular para a plural. No que tange à fé racional, o engendramento do ocultismo trouxe à baila a subversão extravagante, que ocasionou o choque ideológico – o eu devoto a Javé (re)conheceu a identidade rebelde e aguardou a decadência vindoura.

Na perda patril, algumas atitudes dos exilados, dentro da Babilônia, carregaram teor híbrido de (des)pertencimento. “Nos salgueiros que por ali havia penduramos nossas harpas. [...] aqueles que nos deportaram pediam canções, [...] queriam diversão: “Cantem para nós um canto de Sião” (Bíblia, 2014, Sl 137:1-2). Salgueiro e harpa perscrutaram movimentos, que denunciaram ações culturais – a árvore, também, simbolizou “lamento”, no sentido de ter sido ascendente e ter envolvido o crescimento; ao passo que a harpa confessou o término dos cânticos religiosos e a tensa conversão melódica, ou seja, do prazer à angústia.

Muitas vezes, até o vazio vocal. Refletiu-se um legado solitário, que evidenciou a insatisfação à cronotopia estrangeira, porque colocou em xeque toda a arte de tradição e ruptura. As feições da tradição judaica não tocavam canções exitosas frente às vitórias bélicas, porém culto à celebração adversária. A maneira como as harpas foram colocadas nos salgueiros refletiu o desacordo com a própria cultura judaica. O riso adversário provou que a “ironia é a consciência total do caos infinitamente pleno” (Wellek, 1965, p. 13).

No capítulo 2, o epíteto feminino, novamente, faz referência à Judá, agora, como “esposa” e “filha”. “Javé escureceu a filha de Sião” (Bíblia, 2014, Lm 2:1). A consagração identitária põe em evidência a crueldade feita pela invasão babilônica, uma vez que o tom do lamento esteve no espetáculo devastador e as figurações plasmaram imagens poéticas, cujos movimentos

orientaram o trâmite decadente. Aqui, o pretérito é atualizado, em termos de castigo, visto que o movimento de queda entrega a soberania de Javé diante do poderio humano e o sublime divinal passou a ser demarcado por relações antropomórficas, enquanto motivos expressionistas do Livro de Lamentações.

Ao longo do segundo lamento, os ataques babilônicos a Judá foram conotados pela transubstanciação divinal, tendo em vista a visão do eu poético de contemplar represálias oriundas tanto de Javé quanto dos babilônicos. “Como inimigo, disparou suas flechas” (Bíblia, 2014, Lm 2:4). O desfazimento cronotópico, relacionado ao povo de Judá, trouxe o reducionismo pleno, pela destruição da própria história, com a nova função escravocrata do exílio e a exposição ao vitupério. Diante disso, o eu lírico voltou ao desabafo, expondo a intimidade lamentosa por meio da carne dilacerada, ou seja, a função de emitir assertivas partindo “eu coletivo” ao “eu individual”.

Ao contrário da historicidade humana, o Divino entregou o status de exilado, pondo fim a todo modo de festejos, como viés contraditório e relegou o povo ao excêntrico. “Javé fez cair no esquecimento” (Bíblia, 2014, Lm 2:6). A arte do esquecimento instigou fatores de exclusão na consciência da própria nação, uma vez que os ritos foram inoperantes antes da queda de Jerusalém, na contingência de práticas religiosas. Cair no esquecimento presentificou a participação nas tragédias e ser súdito de diretrizes não compatíveis com o *modus vivendi* da pátria perdida. A pátria passou a ter, significativamente, um itinerário errante e começou a cultivar o autoesquecimento, ilustrando a perda na mudança de localidade.

Em face da cronotopia, o prumo divinal provou a desarmonia pela função da trucagem: a mão destruidora de Javé interveio contra a religião politeísta de Jerusalém, na qual as imagens dos povos cananeus ocuparam altares no espaço na terra santa, em nível de prevaricação. Justamente, no ato de desregramento, a identidade israelita foi colocada em debate, no lamento, a ponto de as perspectivas mosaicas terem oprimido os praticantes da cultura errante. Quando a errância entrou em circulação, o cronotopo acentuou o novo costume nas repartições dedicadas às cerimônias e instaurou o ato pejorativo, por parte dos babilônicos. No âmbito racionalístico, o eu referenciador deixa claro sobre o lamento ocorrer em detrimento de Javé entregar a Babilônia o sarcasmo aos hebreus, por estes terem desempenhado identidades errantes.

A posse totalitária dos babilônicos esteve a serviço da abertura e fechamento, visto que, no lamento, associou ao objeto “fechadura” o direito de acesso às formas de privacidade. A privacidade programática atrelou aos postulados emocionais, uma vez que as vergonhas dos hebreus vieram à tona formadas por incidentes vexatórios. “Derrubou por terra as portas, quebrou as fechaduras” (Bíblia, 2014, Lm 2:9). O egotismo passou a ser (re)conhecido nos avanços da linguagem poética do lamento, em condições silenciosas, exposto na atuação epifânica, ao quebrar as fechaduras utilitárias. Tal cena poética confluiu a exposição dos pontos inatingíveis, cindindo a relação homem e Divino, por meio da prática intramundana. O eu lírico percebeu que sua intimidade o levou à desumanização, na prática de servidão, e destruição da própria história, que virou vitupério. Mostra de desonra cerceou a unificação, ao figurar o término da intimidade e início do exílio.

O conteúdo extenso do lamento indagou a possibilidade de cura, que, em dado momento, pareceu não se realizar. “Lembre-se da palavra do deprimido: **repetitiva e monótona**” (Kristeva, 1989, p. 39 – grifo nosso). Embora foram consequências da sanção divina, o eu lírico objetivou algo novo, com vistas à produção curativa à dor sentida no ato do lamento intenso. O espaço mutável, agora, inabitável contextualizou a interrogação, cujo silêncio recebeu o questionamento e trouxe como resposta um vazio imenso ao eu poético. “Sua derrota é tão grande quanto o mar: quem vai curá-la?” (Bíblia, 2014, Lm 2:13).

Essa resposta silenciosa emergiu do sentido impessoal do pronome “quem”, porque residiu na fonte de uma esperança moderna. O uso do pronome interrogativo, além de causar comoção, alcançou o mistério mergulhado no vazio socioespacial e diluiu pretérito e presente, na perspectiva de pôr fim aos intentos humanos. Buscando a resposta, o eu referenciador do lamento caminhou no emaranhamento de questionamentos.

No capítulo 3, surgiram as claves epifânicas na retomada do plano de autorreflexão por parte do eu lírico, que guiou a poética à dimensão messiânica. “Eu sou alguém que provou a miséria” (Bíblia, 2014, Lm 3:1). A subjetividade, em profunda intelectualidade, hibridizou a dor dos exilados (presente) e o sofrimento de Jesus Cristo (futuro), porque retratou um corpo estranho em circunstâncias inóspitas. O mote destrutivo partiu da referência

sólida (corpórea) à líquida (toxinas), com vistas às armadilhas para demolir as estruturas citadinas e banir a carga memorialística produtora de identidades errantes.

A noção nociva, pelo intermédio de ciladas, reduziu a imagem humana a nível animalesco – irracional, em um ato predativo. O terceiro lamento tematizou a imagem de Javé como um “urso” e “leão”, na qual o projeto de abatedouro integrou a consequência corporal do eu poético, que se demonstrou muito ferido. “Ele foi para mim como urso de tocaia, um leão de emboscada” (Bíblia, 2014, Lm 3:10). A gama de imagens conflituosas pôs em circulação atitudes de embates, cuja relação causou (guerra – flechas) e consequência (corpo – rins) e potencializou a efervescência do antagonismo. Terminada a relação antagônica, o pretérito findo e o futuro recém-chegado pareceram unificar a pessoa do eu poético com Javé.

As imagens conflitantes oriundas da subjetividade aludiram ao sofrimento messiânico, perceptível pela trucagem cronotópica. A introdução miserável fez dupla referência à figura dos exilados e à do sofrimento de Cristo e teorizou a configuração dos intentos passionais. Os alicerces angustiantes edificaram a provação terrenal, o abalo socioemocional e o padecimento corporal. A miséria atribuída aos expedientes pessoais do eu poético dinamizaram o cronotopo, uma vez que a relação subjetiva com o meio exílico apropriou circunstâncias inóspitas frente à cultura estrangeira. A performance miserável pareceu ser opressiva, pela visão precária da desintegração socioespacial, enquanto esvaziamento consciente dos cenários estruturantes. O novo cenário citadino foi erigido sob a percepção turva do tempo vago e incompatível com a cultura de origem da pátria perdida.

O modo de extirpação da errância conotou a parte óssea e pareceu dar uma versão às fraturas culturais interpretadas pela presença do vulgo, ou tentativas de aculturação. “Consumiu minha carne e minha pele, e quebrou meus ossos” (Bíblia, 2014, Lm 3:4). A osteoporose discursiva deste lamento conduziu o sujeito às práticas errantes, por ele ter sido portador de costumes não condizentes com as ideologias de Judá. A trilha ideológica tornou aterradora derretendo os ossos, enquanto pensamentos fixos e desempenhos repetitivos tais qual a presença dos hábitos religiosos obtidos pelo contato com os povos primitivos. A natureza óssea, responsável pela estrutura pungente,

perdeu a constância prazerosa e resultou no desfazimento da própria realidade histórica perscrutada pelo sujeito em sua pátria. As fraturas, além de tipificarem a perda ideológica, provocaram a queda repentina, de sorte que os esquemas errantes caíram em armadilhas das dores lamentosas.

A lembrança à pátria perdida, ativa, desafiou a incredulidade e realizou a quebra da consistência lamentosa, porque exterminou os lados oblíquos da alma humana e entregou ao Divino todas as penas sofridas em Babilônia. Aqui, a virtude o eu poético suscitou a demolição das fragilidades socioemocionais, posto que pretérito humano e futuro divinal forneceram elos para a escrituração de novos incidentes. “Mas existe uma coisa que eu lembro e que me dá esperança” (Bíblia, 2014, Lm 3:21). A pausa ao presente alegorizaram o nexos entre presente-futuro (perdão e recomeço) ocasionado pelo passado-presente (constatação errônea e autorreconhecimento) das ocorrências contextuais, que passaram a dar outra tonalidade ao Divino. A epifania penal deu espaço à esperançosa.

Outro fluxo esperançoso abriu a perspectiva da consciência do eu poético, neste lamento, uma vez que o monólogo explicitou a enunciação oriunda das dores inebriantes. A “esperança” interrompiu o caráter errante e prosseguiu com uma perspectiva dissonante ao castigo temporário do exílio. A dissonância realizou o bloqueio ao caminho melancólico, uma vez que a fé decodificável pela voz do eu lírico teve um redirecionamento no discurso poético, com a perspectiva de alteração do tempo e do espaço. Apesar de a fé esperançosa provocar a quebra cronotópica – do tormento à paz –, o lamento implicou a adoção da tensão emocional vivida pelas ruínas de Jerusalém. Essa tensão derivou da atuação cronotópica do pretérito, que funcionou como pressão emocional, na realização de “flashbacks” das cenas reais ocorridas no momento da transportação ao exílio.

A percepção temporal assinalou a carga transgressora do eu poético, visto que a mente do sujeito ficou conturbada com as lembranças do estado errante. Ao entoar a voz em um pedido de socorro, o eu lírico reconheceu a posição hierárquica entre humano e divino e agrediu o silêncio imperante. O senso de pequenez dos hebreus ocupou parte fundamental, no topo poético “fossa”, tendo em vista a mistura do rebaixamento cinéreo – a terra profunda da fossa não representou apenas o corpo caído, mas o lamaçal das impurezas do

estado errante. “Do fundo da fossa invoquei o teu nome, ó Javé [...] Tu vieste na hora em que eu chamei, e respondeste: ‘Não tenha medo’”. (Bíblia, 2014, Lm 3:55-57). Na junção de crono (na hora) e topo (fossa), o eu poético, pela primeira vez, ouviu a voz de Javé, e, gradativamente, abandonou o nível excêntrico. A voz altissonante de Javé neutralizou o tormento das lembranças e apresentou segurança, quanto às vicissitudes, que sobrevirão ao escravo no exílio babilônico.

No capítulo 4, a reviravolta penal engaja o labirinto cronotópico, que se manifesta na confluência do pretérito errante e o presente divinal. O objetivo de (re)configuração desse passado horrendo aos olhos de Javé funcionou como se a carga errante tivesse de ser transportada a um ser específico. “O ungido de Javé [...] caiu preso na armadilha” (Bíblia, 2014, Lm 4:20). Foi neste quarto lamento que, pela primeira vez, aparece Judá recebendo o epíteto de “o ungido de Javé”, porquanto e a estética do grotesco penetrando no corpo masculino. A inferência discursiva demonstra a imagem messiânica padecendo pelos pecados do povo. “O corpo grotesco é um corpo em movimento. E jamais está pronto nem acabado: está sempre em estado de construção” (Bakhtin, 1993, p. 277).

Interessante ressaltar que este lamento sugere a espera de um redentor e o caráter esperançoso de restauração de Judá. Sabendo-se que o cativo babilônico durou, aproximadamente, 70 anos, houve variadas descrições a respeito da importância dada pelo eu lírico aos escárnios produzidos pelos espectadores inimigos. A atividade poética mantém boa parte das imagens, com o propósito de destacar o papel do escárnio enquanto combustível para a oscilação cronotópica e a expiação ser consumada. A voz consciente do eu lírico denota o fim do exílio, no âmbito cronotópico – o retorno já premeditado.

O plano simbólico ouro – barro, neste lamento, surgiu condizente com a aprendizagem, ou seja, identidades obtidas pelos hebreus no período exílico. “Os nobres filhos de Sião, avaliados a peso de ouro fino, são agora tratados como potes de barro” (Bíblia, 2014, Lm 4:2). O processo identitário, na esfera áurica, recapitulou os anos prazerosos de pertencimento à pátria perdida e a convicção de que Javé protegeu e provia as necessidades dos hebreus. Esse fio imagético apareceu múltiplas vezes, na descrição poética do lamento, uma vez que o conceito de originalidade e a não aceitação da desoriginalidade do

pertencimento deixaram razão e emoção no mesmo ponto de ebulição. O ouro e seu brilho contiveram qualidades superiores, de sorte que o belo prazeroso da vivência enaltecida guiou a performance citadina ao sublime divinal, como se os humanos andassem com as epifanias divinas. Rompendo-se o vínculo belo citadino e sublime divinal, houve a evolução da união “belo e grotesco errantes”, pela irracionalidade.

A dinâmica animalesca acumulou todo o modo de irracionalidade, ou seja, comportamentos desajustados e aparências irregulares no espaço natural, “mas a filha do meu povo tornou-se cruel como os avestruzes no deserto” (Bíblia, 2014, Lm 4:3). A imagem de um avestruz conotou uma entidade displicente dos hebreus, pelo fato de a ave abandonar o ninho e entregar ao sol a função de aquecer os ovos. O abandono agravante fez simetria com as práticas adúlteras, manifestando um modo bestialógico.

Do epíteto “filha do meu povo” a “avestruz”, o reducionismo animalesco guiou o narrador ao pecado original – Eva, ao desobedecer à ordem divina, tornou-se semelhante à serpente, que enganou o homem. A caracterização feminina, novamente, identificou Jerusalém como uma mulher transgressora e imatura, em plena jovialidade corrupta. O lamento contrastou a errância paralelamente com a moralidade. O símbolo moralizante correlacionou a imagem poética da pele e ossos, porque a camada dermatológica impregnou a velhice, ou ruptura temporal.

No que diz respeito à velhice, convém ressaltar que não foi natural, todavia anômala, pelo fato de a pele ter sido enrugada, desproporcionalmente, na fase jovial – “a pele enrugada sobre os ossos, seca como lenha” (Bíblia, 2014, Lm 4:8). As curvas do enrugamento rastrearam os caminhos tortuosos e nebulosos, além de o grotesco inflar e figurar os maus-tratos sofridos pelos hebreus em terras estrangeiras. Outra figura grotesca foi a lenha seca, como substrato da penetração solar, que associou o escurecimento à inutilidade do belo paisagístico e à função de combustão. Sem dúvida, a combustão explodiu, em termos de castigo atuante aos hebreus e evidenciou a pena cumprida.

A evidência de que a pena fora cumprida dividiu o cronotopo em duas partes: a primeira refletiu o êxodo do quadro errante, saída da fossa e restauração do próprio corpo; a segunda foi futurística, uma vez que se aguardou a restauração citadina e a entrega do templo à Jerusalém. Em

consequência, a projeção onírica guardou a aliança com o Divino, ou seja, a “filha de Sião” brotou renovos, pelos contornos do belo prazeroso. Em face da novidade dada, o eu poético, emocionado, persistiu na exposição ao sofrimento acometido e esperou em Javé a conclusão dos dias, a fim de regressar à pátria perdida. “Está cumprida a sua pena, filha de Sião: você não continuará no exílio” (Bíblia, 2014, Lm 4:22).

No capítulo 5, a persistência ao sofrimento do presente, apenas, honra a justiça de Javé. Sob o signo autoritário do jugo babilônico, o eu poético monta um quadro cronotópico, no qual todas as adversidades contemplaram o juízo divino. Trata-se de uma súplica diante da desolação – Judá em ruínas e a nova perspectiva exílica, que se resumia na autodiluição e perdas irreparáveis. A tríade “sofrimento, Javé e piedade” condiciona o eu lírico a experiências de superação, visto que admite as relações epifânicas como interventoras.

Atrelado à epifania de Javé, o eu poético deseja a reconciliação, porque imagina o trono superior ao da Babilônia e não cogita a possibilidade de um ato de esquecimento por parte de Javé. Mais uma vez, há o pedido de renovação dos tempos passados, com o intuito de o futuro ser o pretérito (antes dão exílio) presente (depois do exílio). Não cabendo ao eu lírico ser o detentor do saber cronotópico, o quinto e último lamento culmina com uma indagação perene: haveria a possibilidade de Javé rejeitar de vez (?). A resposta está no cronotopo. “Lembra-te, Javé, do que aconteceu! Olha bem para ver a vergonha que passamos” (Bíblia, 2014, Lm 5:1).

A elocução empreendida foi em rumo ao fim do exílio, regido pela súplica do eu lírico, que se filiou a Javé e traçou a exposição histórica do exílio babilônico. O pretérito, agora, flagrou toda a punição sofrida no cativeiro e como os anos atormentaram a nação desterrada. Salientou-se que a lembrança e o olhar causaram não um retorno vago ao pretérito sem perspectivas, mas o ponto de partida para o começo do futuro brilhante.

A grandeza divinal, ausente ao eu lírico, produziu monólogos incapazes de realizações profícuas, porquanto a orfandade preencheu um luto inesquecível e objetivou uma fala e renovação divina. A perda paterna formulou um lamento retrógado, no sentido de desejar a volta da grandeza, que agitava o pátrio poder. Neste lamento, a tentativa de olhar ao pretérito e sentir a falta

deste, no presente, alicerçou o futuro, por meio da reconstituição do belo prazeroso.

A perda monárquica esteve no escravagismo operante, visto que o desacordo entre o eu lírico e Javé causou a desordem no plano citadino. “Caiu a coroa da nossa cabeça. Ai de nós, porque pecamos!” (Bíblia, 2014, Lm 5:16). Essa lembrança foi reativada, com frequência, na produção do lamento, pois intencionou que Javé faça vingança aos babilônicos. Livre da melancolia perpétua, o eu poético enrijeceu a imagem divina. “Mas tu, Javé, permaneces para sempre; teu trono permanece de geração em geração” (Bíblia, 2014, Lm 5:19). Valendo-se do crono permanente, todas as gerações futuras foram contempladas pelo plano divinal (retorno dos exilados), com suas glórias e prazeres altissonantes. O eu lírico aplicou a esperança em Javé, embora em lamentos contínuos pela dor latente.

2. OBJETIVOS

Objetivo Geral

Fazer uma análise sobre a poética exílica no Livro de Lamentações de Jeremias, enquanto leitura da representação do eu lírico lamentoso, ou melancólico.

Objetivos Específicos

- Discutir a presença do cronotopo em truncagem, com o objetivo de analisar o plano simbólico das imagens poéticas;
- Analisar como a relação entre a memória, história e magia está entrelaçada na voz do eu poético, na produção de identidades;
- Elucidar a presença da epifania durante a estetização lírica, enquanto formas de pôr fim ao pretérito errante e propor um possível futuro próspero;
- Explorar o discurso poético a partir da relação entre o belo, grotesco e sublime, nas recorrências ideológicas.

3. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa se debruçou com base nas análises poéticas e cronotópicas do Livro de Lamentações de Jeremias. Como sugere Barthes (1990), na *Teoria da Cultura de Massa*, o objetivo da trucagem cronotópica está na operação do sentido simbólico. Apesar de Barthes ter dado privilégio à formação de imagens na criação fotográfica, não deu primazia à questão de cronotopo e suas vertentes, porém o termo “trucagem” organiza uma superestrutura discursiva: “para fazer passar como simplesmente denotada uma mensagem que na verdade é fortemente conotada” (Barthes, 1990, p. 7).

De acordo com os estudos de bakhtinianos, o estudo de cronotopo se torna contextualizador, uma vez que “ocorre a fusão dos indícios espaciais e temporais num todo compreensivo e concreto” (Bakhtin, 2014, p. 211). Nesse sentido, a poética de *Lamentações de Jeremias* orbita em torno de uma abordagem cronotópica, na qual os tempos (pretérito, presente e futuro) fazem manifestações peculiares, com vistas à propagação identitária em percurso.

Nesta pesquisa de pós-doutorado, a vertente trucagem cronotópica foi ampliada aos estudos poéticos. Realizado uma pesquisa em campo, o assunto não fora explorado pelos Estudos Literários, logo não houve registros acerca do preenchimento das lacunas de distinção entre o lamento e melancolia no Livro de Lamentações. De fato, o eu poético enaltece a relação identitária, no sentido de que a “escravidão, tanto literal quanto metafórica, é um foco central” (Hall, 1997, p. 111) e encaixa-se na concepção exílica ocorrida com Judá.

Dessa forma, a concepção exílica sugeriu ao eu poético o uso de grandezas, pois “todas as privações em geral são grandiosas, porque são todas terríveis: vazio, trevas, solidão e silêncio” (Burke, 1993, p. 76). Os 154 versículos de Lamentações de Jeremias deram indícios de que a estética fundiu o belo (lembranças da pátria) com o grotesco (castigo do inimigo e visão do exílio) pela interferência do sublime, quando há a epifania multiforme. Foram consultados os 154 versículos do Livro de Lamentações, com vistas à presença estética nas imagens poéticas e delimitar as lacunas do discurso lírico.

As imagens poéticas foram perscrutadas, à luz dos capítulos, trazendo referências à imagem feminina, no símbolo de Judá; aos fenômenos da natureza, às ciladas bélicas, etc, enquanto descrição da invasão babilônica.

Durante os 154 versículos, percebeu-se que a elucidação grotesca proveio da operação divina contra o povo de Judá, ou seja, o belo e o grotesco foram atrelados à passividade humana (aos exilados); ao passo que o grotesco e o sublime demandaram ações epifânicas (Javé castigando os exilados).

Dessa forma, o cronotopo em *trucagem* ampliou seus estudos não somente quantitativamente, porém qualitativamente, já que os estudos bíblicos, também, puderam oferecer abordagens referentes à estética e à operação da cultura mosaica (Lei de Moisés). Constatou-se que a *trucagem* flui a poética, em razão de traçar uma gama imagética, quando ocorre o desabafo de eu lírico e a densidade discursiva parece inflacionar os sentidos. Consequentemente, a organização cronotópica permitiu um olhar aos conceitos sobre lamento e melancolia,

4. RESULTADOS

O produto, como resultado desta pesquisa de pós-doutorado, trata-se de um artigo científico elaborado a partir da distinção entre lamento e melancolia. O referido artigo já está em fase de conclusão, cuja previsão de publicação será no 2º semestre de 2026.

Os estudos sobre o Livro de *Lamentações de Jeremias* ganharam um olhar acerca da operação da *trucagem*, visto que possuem características próprias, como a fusão de tempos e espaços distintos da mesma realidade, a hibridização estética do belo (prazeroso) e grotesco (errante), discursos repetitivos, linguagem frugal com imagens poéticas complexas e lamento e melancolia. Em razão de limitações presentes, este estudo não contemplou todas as características da *trucagem* na lírica de *Lamentações*. Convém ressaltar que esta análise não resumiu as probabilidades da *trucagem* em *Lamentações*, todavia demonstrou como houve a manifestação de algumas etapas cronotópicas, que produziram uma linguagem simbólica.

Na seção “A dor e a produção lamentosa” abordou o fluxo do lamento em meio à ocorrência da perda e choro contínuo, pela visão de queda cidadina. As imagens poéticas do lamento demonstraram o estado de vazio e desejo de recuperação do belo perdido. O luto impera, mas é interrompido pelo contato com Javé, nas instâncias epifânicas, e o lamento passa a obter uma conotação

mais atenuada, ou seja, a perda transitória é substituída por uma esperança de restauração dos tempos. O estado exílico continua, o que favorece o lamento.

A dor alimentou a linguagem lamentosa, na qual o eu poético conotou as cenas da invasão babilônica, no jogo cronotópico do presente penal (exílio) e do pretérito prazeroso (pátria perdida), de sorte que as emoções do tempo real atualizaram o passado. A Jerusalém identitária foi delineada como cidade-viúva desconsolada, expressando um lamento, que, ao ser justificado, não segue a linearidade cronotópica e aglomera imagens poéticas distintas, entretanto houve pretensão de desabafo de perdas e ausência do contato epifânico com Javé, o Deus dos Hebreus. A epifania, então, surgiu mencionada pelos desabafos do eu poético, com a finalidade de destacar a justiça divina. Assim, a trucagem subverteu a lógica e criou distintos tempos e espaços.

Quanto à seção “A queda citadina e a possibilidade melancólica” traçou o estado de luto do eu poético, em nome de Jerusalém. O sofrimento foi tão intenso que o discurso poético oscila à decadência vertiginosa, por motivo de quebrantamento constante, como se as adversidades culminassem em desfechos melancólicos. Entretanto viu-se que, em todos os capítulos do Livro de Lamentações, a presença de Javé cindiu os indícios melancólicos, visto que o eu lírico reconheceu o estado de errância e conseguiu crer em um futuro promissor.

Quando os tempos e espaços distintos se confluíram, eles ganharam conotação estética, pois o belo prazeroso, composto pela gama de lembranças da pátria perdida, ficou paralelo ao grotesco, conjunto de ideias sobre o estado de errância; logo o sublime, nas operações de grandeza, pôs em funcionamento as consequências desastrosas ao povo hebreu. O caráter errante, elucidado pelo eu poético, recebeu o rebaixamento, no qual a soberania de Javé surgiu na ocorrência do sublime demolidor. A possibilidade melancólica bateu à porta do desabafo do eu lírico, contudo este reconheceu que depende de Javé, o Deus Justo, e necessitou pagar pelos erros cometidos, quando esteve lá na pátria, o Reino de Judá.

Sobre à seção “Javé, o hiato entre o lamento e a melancolia”, o eu lírico alcançou o entendimento do amor divinal, por meio do conceito de misericórdia. A efervescência do lamento persistiu na busca pelo abismo melancólico, ou seja, o eu poético se entristeceu, a ponto de fazer autorreflexão acerca dos

caminhos errantes. A identidade do errante passa a volver os olhos ao pretérito e não conseguir voltar ao presente prazeroso diante das circunstâncias de perdas irreparáveis. Javé entra em cena e livrou o eu poético da melancolia.

Pode-se sintetizar que o eu lírico se viu errante, por isso o discurso repetitivo imperou, haja vista que o lamento conviveu com as consequências infracionais. A operação trucagética desenhou o mote destrutivo dos exilados, de sorte que simbolizou o sofrimento corpóreo de Cristo. A fragmentação imagética, no programa cristão, encontrou a ideia de Jesus, que se fez maldito em prol da redenção dos pecadores; portanto a morte no sacrifício põe fim à errância. O discurso repetitivo, na tríade – lembrar, sofrer o presente e aceitar o castigo divino –, levou o eu poético aos conceitos de perdão e pedidos de recomeço, que trazem uma epifania perfeita: Javé se presentificou, no discurso direto, e tirou a insegurança do eu lírico.

Já na seção “O lamento no fim do exílio”, o eu lírico, livre dos abismos melancólicos, expressou o tormento provocados pelos resultados das dores. A sensação peregrina e a consciência da perda mostraram a necessidade de purgar o pretérito errante veiculado nas vivências de Judá, a terra prometida. A visão do eu poético sobre o corpo e o sarcasmo inimigo alimentam o motivo do lamento que, de contínuo, passa a ser temporário, porquanto o quadro da perda, novamente, é interrompido pela olhar contemplativo do fim do exílio.

Por fim, na seção “Lamento e melancolia diante da imagem de Javé”, o eu poético dialogou, por intermédio do interrogatório, expondo referências, que colocaram, em segundo plano, a figura humana. O reducionismo das criaturas demonstrou como o caráter errante fora extirpado do povo hebreu, de sorte que o eu poético, agora, esperançoso, consegue ficar livre das possibilidades do estado melancólico. Assim, o eu lírico entrega a Javé o cronotopo, que porá fim ao estado exílico e a possível volta à terra prometida aos hebreus.

A partir daqui, a linguagem frugal extraiu a perpetuação do estado de errância, já que o diálogo com Javé fora realizado. As menções específicas do sofrimento persistiram, em razão de o eu poético ter de terminar os dias no exílio e aguardar a restauração de Jerusalém. Dessa forma, o lamento contínuo, derivado das dores provocadas pelos babilônicos, traduziu o quadro de sofrimento até sair o veredicto “Está cumprida a sua pena, [...]: você não continuará no exílio” (Bíblia, 2014, Lm 4:22). Esta revelação culminou com o eu

lírico exalçando o único reinado perpétuo, o de Javé; então se entendeu que a trucagem, na esfera epifânica, abrandou a presença melancólica, visto que ela seria ausência total e incomunicabilidade com Javé. As aparições divinas convenceram o eu poético a sair da errância, esteve com o eu lírico em situações desastrosas e terminam o estado exílico, por meio da promessa de retorno à pátria perdida.

Em maio de 2025, recebi o convite, como professor suplente, para compor a banca do exame de defesa da dissertação de mestrado intitulada “Educação ambiental crítica e o problema da Camada de Ozônio: enfoque interdisciplinar mediante planos de aula para o Ensino Médio”, de Antônio Bezerra Pereira, na Universidade Brasil.



**CERTIFICADO DE PARTICIPAÇÃO DE BANCA
DEFESA DE DISSERTAÇÃO**

*Certificamos que Prof. Dr. John David Pelicci da Silva participou como membro da banca do exame de defesa como Suplente externo do(a) aluno(a) **ANTÔNIO BEZERRA PEREIRA** do curso de Mestrado Profissional em Ciências Ambientais na Universidade Brasil.*

Título da dissertação:

**“EDUCAÇÃO AMBIENTAL CRÍTICA E O PROBLEMA DA CAMADA DE OZÔNIO:
ENFOQUE INTERDISCIPLINAR MEDIANTE PLANOS DE AULA PARA O ENSINO MÉDIO”**

Membros da banca:

Orientador(a): Prof. Dr. João Adalberto Campos Junior

Membro interno: Prof. Dr. Luiz Sérgio Vanzola

Membro externo: Prof. Dr. Luis Carlos Alves de Melo

Suplente interno: Prof. Dr. Evandro Roberto Tagliaferro

Suplente externo: Prof. Dr. John David Pelicci da Silva

Fernandópolis, 6 de maio de 2025.

Israel Costa da Silva
Auxiliar de Registro Acadêmico

No mês de julho de 2025, apresentei a comunicação oral intitulada “A trucagem cronotópica no Livro de Lamentações de Jeremias”, no IX Congresso Internacional do PPG–Letras & XXVI Seminário de Estudos Literários: “Literatura em tempos de neoliberalismo”, pela UNESP (IBILCE). Esta comunicação forneceu uma minuta a respeito do produto principal deste pós-doutorado. O debate elucidou a complexidade da análise dos textos eruditos, além de expor as concepções sobre lamento e melancolia.



Também no mês de julho, atuei como avaliador na Banca Examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “Relevância da Literatura Fantástica Brasileira na formação de leitor do Ensino Fundamental”, proposto pelos alunos Alcimara Aparecida Silva Alencar, Carlos Roberto Nascimento da Silva, Cristiane Silva de Oliveira, Eduardo Rodrigo de Souza, Eliz Regina Scapolan de Souza, Fabiana Vigo Azevedo Borges, Luana Cruz Oliveira e Sheila Lopes Ferreira Schuindt Gonçalves, pela Universidade Virtual do Estado de São Paulo (UNIVESP).

CERTIFICADO – AVALIADOR

Certificamos, para os devidos fins, que John David Peliceri da Silva, atuou como avaliador(a) na Banca Examinadora do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) abaixo relacionado, no 1º Semestre de 2025.

Curso: Licenciatura em Letras - Português

Título do TCC: Relevância da literatura fantástica brasileira na formação de leitor no Ensino Fundamental

Palavras-chave: Literatura Fantástica; Ensino Fundamental; Literatura Brasileira.

Alunos(as) - RA(s):

ALCIMARA APARECIDA SILVA ALENCAR - 2228814

CARLOS ROBERTO NASCIMENTO DA SILVA - 2013091

CRISTIANE SILVA DE OLIVEIRA - 2103247

EDUARDO RODRIGO DE SOUZA - 1834342

ELIZ REGINA SCAPOLAN DE SOUZA - 2104642

FABIANA VIGO AZEVEDO BORGES - 1713363

LUANA CRUZ OLIVEIRA - 2214518

Sheila Lopes Ferreira Schwindt Gonçalves - 2106804

São Paulo/SP, 06 de julho de 2025

Durante o mês de agosto de 2025, foi publicado o artigo “Evocações cronotópicas e melancólicas no conto ‘Largo da Matriz’ (1940), de Ribeiro Couto”, na Revista de Estudos Acadêmicos de Letras (REAL), volume 18, número 1. Este trabalho ressaltou como cronotopo decadente perfeitamente a carga melancólica, uma vez que a narrativa substituiu a perda do transitório e consagra possíveis identidades, por meio do espaço arquitetônico descrito pelo protagonista. Este artigo contemplou subsídios das propostas melancólicas, que foram utilizadas para a consecução do trabalho final deste pós-doutorado.

EVOCAÇÕES CRONOTÓPICAS E MELANCÓLICAS NO CONTO “LARGO DA MATRIZ” (1940), DE RIBEIRO COUTO

John David Peliceri da Silva

UNESP

<https://orcid.org/0000-0002-8327-6189>

DOI: <https://doi.org/10.30681/real.v18i01.13087>

Palavras-chave: Narrador-protagonista. Cronotopo. Nhá Rosa. Donana. Decadente.

RESUMO

Este artigo discute as formas de evocação do narrador-protagonista do conto “Largo da Matriz” (1940), de Ribeiro Couto, observando a cronotopia religiosa, arquitetônica e romântica, na cidade de São Bento. Esta análise parte da descrição socioespacial, que objetiva apresentar a carga melancólica, a partir das identidades elucidadas, durante a narração. Fazendo-se o uso da linguagem simbólica, o espaço igreja refletirá o preconceito e a troca de identidade, durante o rito da coroação da Virgem

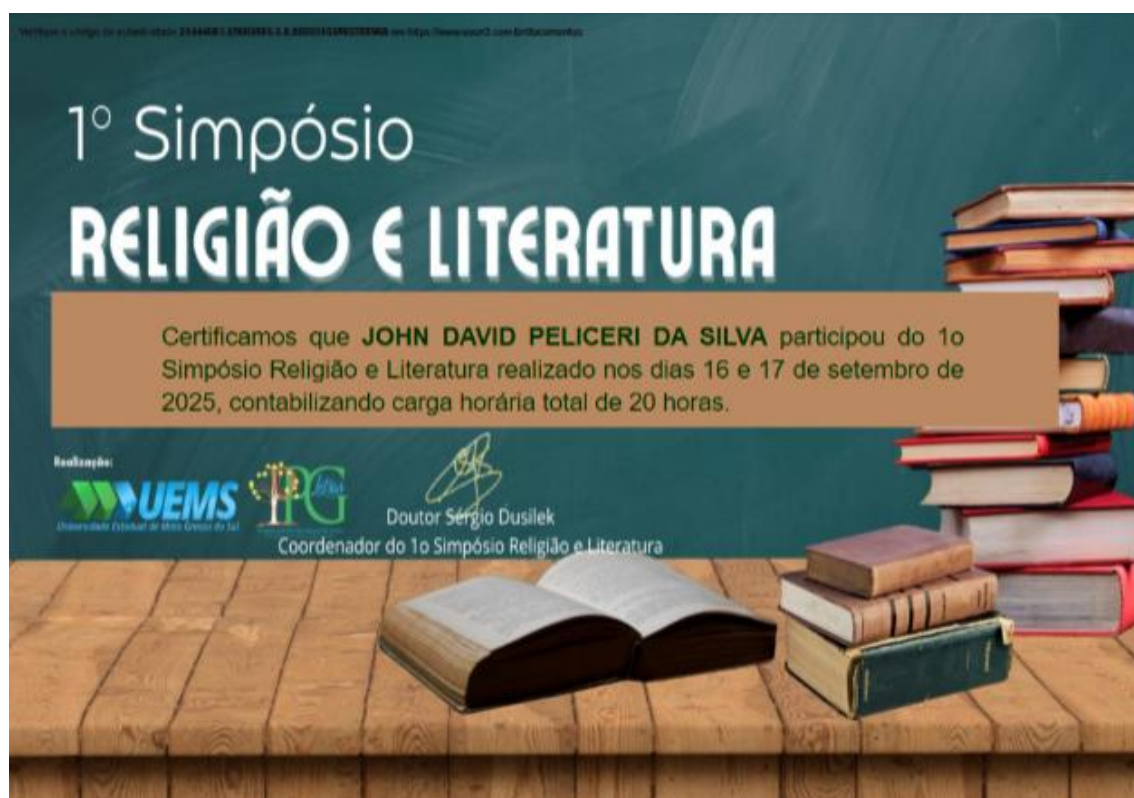


PDF

PUBLICADO

02.08.2025

Em setembro de 2025, participei, como ouvinte, do 1º Simpósio Religião e Literatura, com carga horária de 20 horas, pela Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul. Este congresso sugeriu abordagens críticas a respeito dos textos sagrados à luz da análise literária. A mesa-redonda 2 “Fundamentalismo cristão e a literatura: entre censuras, enviezamentos e vestígios” deram um norte para a presença do cristianismo em textos literários. Apesar de o Livro de Lamentações fazer parte do Velho Testamento, possui vestígios poéticos, que aludem à figura do sofrimento de Cristo, enquanto Messias.



Programação

16 de setembro	Atividade	Composição
9h30 - 12h	Mesa-redonda 1 A Igreja do Diabo e o Diabo da Igreja	Dr. Alexandre Castro (CEFET/RJ) Dr. Gustavo Soldati Reis (UEPA) Dr. Nataniel dos Santos Gomes (UEMS/ABRAFIL) - moderação
14h - 15h20	Conferência 1 Religião nas HQs: uma presença desejável?	Dr. Elcio Santana (UNIDA) Dr. Leonardo Gonçalves de Alvarenga (UEPA) - reação
15h30 - 17h	Conferência 2 O uso de HQs para o ensino da Teologia e da Religião	Dr. Ruben Marcelino Bento da Silva (EST) Dr. Márcio Simão (UNIGRANRIO) - reação
17 de setembro		
9h30 - 12h	Mesa-redonda 2 Fundamentalismo cristão e literatura: entre censuras, enfiamentos e vestígios	Dr. André Leonardo Chevitarese (UFRJ) Dr. Breno Martins Campos (PUC Campinas) Dr. Sérgio Ricardo Gonçalves Dusilek (UEMS) - moderação
14h - 15h20	Conferência 3 Literatura e religião	Dr. Carlos Caldas (PUC Minas) Dra. Regina Michelli (UERJ)
15h30 - 17h	Conferência 4 A Literatura nos salvará da Teologia do Domínio?	Dr. João César de Castro Rocha (UERJ) Dr. Eliseu Pereira (PUC Paraná) - reação

No mês de outubro de 2025, ministrei o Minicurso “Magia paisagística em torno das (des)igualdades nas músicas dos anos 50, 60, 70, 80, 90 e 2000”, contabilizando 2 horas, na VIII Semana de Letras da FCLAs: Educação Linguística e Literária, pela UNESP de Assis. O evento oportunizou a temática da magia, enquanto manifestação cronotópica e produtora de identidades.



Ainda em outubro, fui convidado a ser colunista no Jornal O Regional, de Catanduva-SP e região, com uma coluna intitulada “Literatura (com) vivência”. Trata-se de um jornal impresso e digital, cuja coluna ocorre, semanalmente, com publicações, todas as quintas-feiras, contendo assuntos envolvendo variadas tipologias textuais e vivências proporcionadas pelos discursos.

AUTOR



Prof. Dr. John David Peliceri da Silva

Formado em Letras, em Direito e Pedagogia. Mestre, Doutor e Pós-doutorando em Letras pela Unesp. Atua como Supervisor Educacional na Secretaria Municipal de Educação de Catanduva.

Receba nossas atualizações

Digite seu e-mail

Enviar

O REGIONAL



Contato

Formulário de Contato
Escritórios
Telefone
Classificados

Políticas

Políticas de Privacidade
Termos de uso

Em 3 de março de 2026, foi publicado o artigo “Nudez e errância: a resignificação do mito do Judeu Errante, no conto “Castigo” (1963), de Sérgio Porto”, no Arquivo Maaravi – Revista Digital de Estudos Judaicos da UFMG, volume 19, número 37. Este artigo analisou a narrativa de um grupo escolar, na qual a figura de um aluno anônimo surge como “o errante”, no simbolismo das passagens da vida de Jesus Cristo. Esse trabalho ofereceu indícios para as análises da errância em múltiplos enredos, além de resignificar identidades.

Início / Acervo / v. 19 n. 37 (2025): O erótico e o erotismo na cultura judaica / Artigo-Dossiê

Nudez e errância

a resignificação do mito “Judeu Errante”, no conto “Castigo” (1963), de Sérgio Porto

John David Peliceri da Silva

Universidade Estadual Paulista (UNESP)

<https://orcid.org/0000-0002-8327-6189>

DOI: <https://doi.org/10.35699/1982-3053.2025.62022>

Palavras-chave: Nudez, Errância, Cronotopo

Resumo

O Conto “Castigo” (1963), de Sérgio Porto, apresenta um narrador-pratonista, cuja identidade é apresentada em duas cronotopias: menino (aluno nos tempos da escola) e adulto (narrador-protagonista). Lembrando as aulas do grupo escolar, menciona a figura da Professora. Dona



PDF

Publicado
2026-03-03

Convém destacar que esses resultados vieram por meio deste período de pós-doutorado. A supervisão do Prof. Dr. Marcio Roberto Pereira foi coadjuvante e notória para a consecução desta pesquisa, uma vez que trabalha com a temática da Literatura e exílio e sugeriu, em seu currículo, trabalhos científicos sob a perspectiva exílica.

5. DISCUSSÃO

Esta pesquisa de pós-doutorado foi relevante tanto aos Estudos Literários quanto à perspectiva socioemocional, podendo servir aos estudos psicanalíticos, com ênfase no luto intenso, lamento transitório e melancolia permanente. Além disso, a abordagem cronotópica, principalmente, a respeito da “trucagem” e suas múltiplas identidades mergulhadas no texto literário.

Anteriormente a esta pesquisa, não havia sido contemplado a relação lamentosa e/ou melancólica no Livro de *Lamentações de Jeremias*. Este assunto enalteceu a distinção entre as manifestações emocionais e abriu caminhos para outras pesquisas a respeito da temática subjetiva. Sem dúvida, o aspecto socioemocional carecia de exploração literária no livro bíblico.

A pesquisa foi importante por fornecer nexos com a estética literária. As imagens poéticas fundiram o grotesco nocivo à pessoa humana com o belo prazeroso da seguridade e conforto da pátria. A cisão interventora se deu pelas epifanias de Javé, ao prover o castigo humano e expor o estado de errância do eu lírico. Entre as aparições divinas, há o autorreconhecimento do eu poético, na identidade errante, e a esperança de purificação do sociocomportamento.

6. ORIENTAÇÕES

Houve orientações aos alunos de Instituto Municipal de Ensino Superior de Catanduva (Imes Catanduva), por meio da disciplina “Leitura e Produção de Texto”, que propiciou conhecimentos para o domínio de leitura e interpretação de textos manifestados em diferentes linguagens, além de elucidar discursos contidos em outras vertentes, como os tipos de conhecimento, a relação com a história e a interpretação textual.

A partir desses tópicos, o conhecimento desempenhado nos cursos de Ensino Superior moldou a participação neste pós-doutorado. Sendo assim, pude sugerir aos alunos orientações para a consecução do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), ainda que por intermédio da exposição de Metodologia da Pesquisa. Os discentes da graduação puderam pesquisar textos científicos e selecionar temáticas pouco exploradas pela academia.



INSTITUTO MUNICIPAL DE ENSINO SUPERIOR DE CATANDUVA
Autarquia Municipal
Autorizada: Decreto Estadual 47.886 de 07/04/67
Reconhecida: Decreto Federal 68.187 de 10/02/71
Recredenciada: Portaria CEE/SP nº 298 de 03/08/21
Av. Daniel Datto s/n | 15.811-044 | Catanduva-SP
Telefone: (17) 3531-2200 | E-mail: secretaria@imescatanduva.edu.br

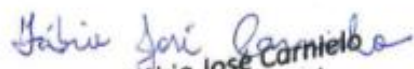


CERTIDÃO

Certifico, para fins de contagem de tempo de serviço, e em atenção ao solicitado pelo interessado, o senhor **JOHN DAVID PELICERI DA SILVA**, RG nº 41.493.298-5, que revendo os arquivos do Departamento de Recursos Humanos, do Instituto Municipal de Ensino Superior de Catanduva, verifiquei deles constar o seguinte tempo:

Regime da Consolidação das Leis do Trabalho – CLT:

- 10/02/2025 a 19/05/2025 – Professor = 99 dias;

Certifica ainda, o mesmo conta com 99 (noventa e nove) dias, ou seja, 3 (três) meses e 9 (nove) dias de serviços prestados. Não consta falta e nenhuma penalidade aplicada. Catanduva, 7 de outubro de 2025. Eu, 
Fábio José Carnielo, RG nº 43.431.766-4, Agente de Recursos Humanos, certifiquei e digitei, e, por ser verdade firmo a presente.

No fim de 2025, houve a criação do CEJOD (Centro Educacional Professor Dr. John David), que, on-line, oferece cursos preparatórios para concursos em nível municipal, estadual e nacional. Estudantes, portadores de licenciatura e de Ensino Médio, são orientados por métodos interpretativos nas áreas de Legislação, Documentos Pedagógicos, Língua Portuguesa e Redação.

Instagram

Entrar

Cadastre-se



centroeducacionaljohndavid :

CEJOD

4 posts 70 seguidores 248 seguindo

Centro Educacional John David
Cursos preparatórios
1799185-3836 (WhatsApp)

Seguir

7. DISCIPLINAS MINISTRADAS COM A RESPECTIVA CARGA HORÁRIA E/OU A REALIZAÇÃO DE ATIVIDADES DE EXTENSÃO.

No decorrer do pós-doutorado, foi proposta uma disciplina intitulada “Literatura e a Memória, História e Magia”, contudo estava fora do prazo para propor o oferecimento. Em conversa com a coordenação, houve a possibilidade de ser uma disciplina concentrada, porém não podendo conter 100% da carga, no formato on-line. Em razão de não ser bolsista e estar trabalhando como Supervisor educacional na Secretaria Municipal de Educação de Catanduva-SP, com jornada de 40 horas, semanais, não pude contribuir com o oferecimento de disciplinas nem cursos de extensão.

Convém ressaltar que o período de pós-doutoramento fora realizado sem o auxílio de bolsa, logo a ministração de disciplinas na UNESP de Assis não logrou êxito, porquanto viagens e hospedagens demandariam faltas no meu trabalho como supervisor educacional. Assim, lecionei no Imes Catanduva (Instituto Municipal de Ensino Superior) e ministrei a disciplina “Leitura e Produção de Texto”.

8. COMENTÁRIOS DO SUPERVISOR

As atividades de pesquisas forma cumpridas parcialmente. As publicações possuem alguma aderência com a matéria proposta. Não houve oferecimento de disciplinas de Pós-graduação por parte do interessado.